

## Expressão cultural nos provérbios tradicionais da Guiné-Bissau: sabedoria e lições de vida

Heuler Costa Cabral<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho visa compreender e resgatar o valor dos provérbios tradicionais guineenses como sendo um dos valores subalternizados pela era global de informatização e de sistematização do conhecimento, entendendo que o desvanecer dos provérbios na Guiné-Bissau seria uma perda inimaginável na re/construção da identidade cultural guineense e na dinamização do seu saber histórico-cultural pós-independência. O provérbio pode ser concebido de diferentes formas, mas de certo, é um modo de pensar o mundo. Ele não se distingue das outras formas de descrever a realidade, é um nível das várias percepções do mundo, especialmente, na África Tradicional vivida “oralmente”. O texto traz um diálogo interdisciplinar, discutindo o conceito do provérbio, seu uso histórica e cultural, a discussão se fecha com a interpretação dos provérbios tradicionais guineenses escritos em língua guineense (kriol) traduzidos para português. O trabalho não só resulta desta pesquisa, mas também da minha trajetória e experiência que tive na infância em ouvir os mais velhos usando provérbios. Os dados bibliográficos são cunhados por principais referenciais teóricos, entre outros, COUTO (2010), e BULL (1988). Entretanto, este trabalho constitui um desafio para construção do pensamento literário, filosófico, histórico e antropológico guineense. Enfim, de um conhecimento que valoriza todos os tipos de saberes na Guiné-Bissau e na África. Constata-se ainda que, as formas dos pensamentos representadas nos provérbios contêm um grau de moral que permitiria o indivíduo ajustar no seu meio social, são regras morais que influenciam pessoa a praticar ou repensar ações viáveis.

*PALAVRA-CHAVE: Provérbios guineenses, Expressão cultural, Sabedoria e lições de vida.*

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab

Contato: Heuler1993@gmail.com

*baka misti korda ika tenel, kabra tenel tok i sopra!*  
*A vaca quer a corda não a tem, a cabra a tem por excesso!*

*(provérbio tradicional guineense)*

O que me chama mais atenção nos provérbios tradicionais guineense é a forma que são compostos, utilizando animais de jeito inteligente para exprimir a experiência humana. A literatura oral tradicional guineense é cheia deste aspecto. Na minha infância basta ao anoitecer já lá nos sentávamos para contar as histórias de *lobo e lebre* e outros animais (*lubu ku lebre*, em língua guineense, kriol).

É bom referir que o provérbio não é exclusivo a sociedade guineense, pode-se dizer que toda sociedade o possui. Assim o nosso interesse de estudar o provérbio guineense tem a ver com a questão de valorização das culturas tradicionais guineenses em via de extinção, que poderiam ter servido muito mais para sociedade guineense. Com objetivo de compreender e resgatar o valor dos provérbios tradicionais guineenses; Descobrir as dimensões da realidade neles contidas; Valorizar e democratizar as diferentes formas dos pensamentos; seria indispensável colocar certas questões para discussão: Como sendo um dos valores subalternizados pela era da informatização e de sistematização do conhecimento, “onde as mídias imperam quase absolutas e a cultura de massa cada vez abrange mais e mais cidadãos, podem os provérbios [...] resistir a isso (SANTOS, 1980, 185)”? Mas ainda, o que é provérbio essencialmente? Como é concebido o provérbio na tradição guineense? Como que os provérbios tradicionais guineenses expressam cultura? Como se apresenta a sabedoria e lições de vida nesses provérbios?

O trabalho possibilitará enriquecer e ampliar as epistemologias do sul e reabrirá mais campo de estudos na África, especialmente para estudantes guineenses nas diversas áreas do saber como filosofia, literatura, história antropologia etc. Oportuniza também repensar a sociedade guineense a partir desses valores tradicionais, envolvendo uma construção da identidade cultural, uma vez que desde independência pouco foi feito a respeito.

O trabalho é impulsionado pela minha experiência na infância com os provérbios, onde os mais velhos muitas das vezes proferiam provérbios para, não só, chamar atenção mas influenciar a pessoa a refletir antes de agir. No entanto, reconfigurei isso quando me comecei a deparar com este tipo de saber na universidade (UNILAB), ou seja, dos valores discriminados em nome da modernidade. Notei logo, que estamos perder muito do que possamos aproveitar com os saberes tradicionais. Fato indicativo de que este trabalho não só resulta desta pesquisa, mas também da minha trajetória.

Para este trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico cunhado por principais referenciais teóricos como SANTOS (1980), COUTO (2010), SERRANOS (1993) e BULL (1988). O tema apresenta a discussão interdisciplinar, buscando primeiro entender a dinâmica histórica e cultural contida nos provérbios, depois se fecha com interpretação dos provérbios em língua guineense (kriol) traduzido para o português.

## 1. Concepções

No mundo criado por homem (mundo cultural) “nada é por acaso”. Esse nosso destino irreversível (a morte) nos coloca na condição de esforçar para evitá-lo, porém até então impossível. O que homem herda do outro homem, o que homem faz para saciar a fome, o que ele faz para conseguir a felicidade perante o distanciamento da morte, enfim para manter sua existência no mundo de melhor modo possível (quer dizer, livrar da morte e distanciar dele quanto possível) chamamos conjuntos destas práticas de cultura. Provérbio é um modo de saber, especificamente, em maioria da sociedade tradicional africana que insiste em manter o homem neste planeta e de forma feliz.

O provérbio pode ser concebido de diferentes formas, mas de certo, é um modo de pensar o mundo. é um dos elementos da cosmovisão do homem. Ele não se distingue das outras formas de descrever a realidade, ou seja, é um nível das várias percepções do mundo. Ele expressa a história e cultura de um povo. Ao nível do nosso conhecimento, o provérbio tinha mais força na antiguidade, isto é, antes da efervescência da ciência moderna. Assim, “o provérbio é velho como mundo, e todos os povos o utilizaram. Na antiguidade egípcia, chamava-se Sebayt – ensino [...]. Os hebreus diziam que o provérbio era palavra de um sábio” BULL (1988, p.129), por mesma razão que os *Mandinga* achavam (acham) “que a sabedoria dos homens está contida nos provérbios. – Por isso, acreditam que quanto mais as crianças os manipulam mais sinais elas mostram de que têm aproveitado a sabedoria dos adultos” (NIANE, 1982, p.50), aliás, já estão conhecendo mundo prematuramente.

Enquanto que para os *Bawoyo* de Angola, o provérbio é

um dos meios de comunicação que melhor expressam seu pensamento, sua visão de mundo, pelo seu uso constante. Há provérbios para todos os momentos da sua vida. São enunciados, muitas vezes, em momentos de tensão como de recriminação ou recomendação de um dado comportamento. (SERRANO, 1993, 139)

“Ainda, é também um dos elementos do texto tradicional e pertence ao patrimônio linguístico, [...] possui conteúdo metafórico e caráter autônomo, diacrônico e popular” (SANTOS, 1980, p186). “Ele não possui autor, nasce da experiência cotidiana e histórica, [...] de traduzir a sabedoria e experiência do povo, (Bull, 1988, p.131)”, é o caso desses provérbios tradicionais guineenses.

## 2. Provérbio como Expressão cultural

Não se desvincula a cultura da história, sendo que a primeira é um processo acumulativo da segunda. Os provérbios tradicionais guineenses são expressões culturais e históricas que indicam, até certo ponto, como é que essas sociedades pensavam o mundo ao longo de tempo. No caso da “África tradicional” o provérbio pode ser concebido, numa certa medida, como uma “literatura não escrita” que faz parte de cultura da oralidade, uma vez que essa sociedade transmitia sua experiência em maior parte de forma oral – concebendo as práticas proverbiais como um treino de aquisição da

experiencia ou da sabedoria ancestral, pois ressalta-se, essas sociedades não conheciam ou não valorizavam tanto a cultura escrita, portanto uma cultura da oralidade. Por exemplo, poemas, contos populares, narrativa, epopeia e demais outras formas de oralidade tradicional africana fazem parte deste universo da literatura oral.

Numa sociedade oral, a maioria das obras literárias são tradições, e todas as tradições conscientes são elocuições orais. Como em todas elocuições, a forma e os critérios literários influenciam o conteúdo da mensagem. elocuições, a forma e os critérios literários influenciam o conteúdo da mensagem. Essa é a principal razão das tradições serem colocadas no quadro geral de um estudo de estruturas literárias e serem avaliadas criticamente como tal. (VANSINA, 2010, p.142)

Assim como as outras formas de “literaturas” conseguem expressar cultura dum povo no tempo, o provérbio também seria uma parte disso.

Na África o provérbio pode ser explorado de melhor forma possível, de modo que muitas sociedades até hoje nesse continente vivem ainda de “oralidade” – muitos provérbios não são ainda escritos, explorados, e são desconhecidos. Nesse sentido chama-se atenção para novas pesquisas nesse campo, e isso valoriza a própria experiência nativa. É imprescindível realçar “que na tradição africana a sabedoria, os costumes e até os códigos morais e de conduta são transmitidos de geração para geração por intermédio da oralidade” (SANTOS, 1984, p.186). “É pela palavra que se pode reconstituir a história tradicional de um povo, mas também a própria coesão da sociedade depende do valor e respeito à palavra” (SERRANO, 1993, p.137, HAMPATÉ BA, 2010). “Portanto, além da comunicação diária, a oralidade atua como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais. O provérbio, as máximas e os ditos populares são expressões oriundas da/na oralidade” (SANTOS, 1984, p.186).

### **2.1. Sabedoria e lições de vida nos provérbios tradicionais guineenses**

O provérbio contem sabedoria, pois como maioria das vezes metafórica e concisa, resume experiência histórico-cultural e estimula o pensamento maior para entender o mundo, ele diz milhares de coisas que não estão imediatas no verso, por isso precisa de grande reflexão e busca do conhecimento da realidade na qual foi produzido tal provérbio. Doravante, confere um provérbio que partilhei na minha infância:

*purku kuma tarbaju i parmanha cedo – porco diz que o trabalho é de manhã cedo.*

Como entender este provérbio? Será que quem não partilha esse conhecimento, ou quem não estuda a realidade guineense (portanto longe desse mundo cultural) facilmente responderia essa questão? É que na Guiné-Bissau o porco que não está no *Tchikeru* (curral de porco) costuma meter-se sempre na água parada. Na nossa *Tacamba* (aldeia) onde eu ouvia esse provérbio, os porcos eram fechados no *Tchikeru* à noite, e de manhã eram liberados saindo para *feri-feri* (buscar de comer de forma atoa, usado para os animais.). Então, os porcos, logo que são liberados vão se meter na água, ou vão *esgravatar* (*bai garbata*) a terra úmida. Considera-se que este *garbata* na busca de mais frieza ou meter na água é um trabalho para o porco, por isso,

quando ele sai de *tchikeru* de manhã primeira coisa a fazer é isso, seu trabalho. Quando associada à experiência humana, mostra-se que toda coisa que tem para fazer que faça logo e fica livre, não espera mais tarde, imita o porco, porque se não, poderá haver consequência negativa disso.

“O recurso a práticas mnemotécnicas é comum a quase toda a África tradicional para fixar o saber de seus ancestrais (SERRANO, 1993, p.139)”. Os provérbios tradicionais guineenses não fujam disso. Eles provem do povo e permanecem ao povo. “Todos eles são formas de “crioulos” (língua guineense) de expressão coletiva e tradicional, integradas a linguagem corrente” (BULL, 1988, p.131). Sendo que a própria língua guineense é uma forma particular histórica de entender o mundo. Ao interpretar ulteriormente os provérbios guineenses verão as lições de vidas contidas neles, e logo talvez será capaz de imaginar o pensamento, condições históricas e culturais desses povos ditas tradicionais.

## 2.2. Usos e sentidos dos provérbios tradicionais da Guiné-Bissau

Os provérbios que serão partilhados aqui, como já foi dito acima, não só vêm da obra (*Provérbios em crioulo - Guiné-Bissau*) de Couto (2010), mas também da minha profunda experiência na infância no interior da Guiné-Bissau, principalmente com minha avó com quem tive imensa relação. “Inconvenientemente não sabia se ela era uma “sabia”, apesar de não teve “formação formal”, e se ela estivesse hoje exploraria muito a sua sabedoria”. As palavras e conselhos que ela proferia são muitas reflexivas e chamativas, muita das vezes em forma de metáforas.

Decido fazer algumas alterações de traduções as quais achamos poucas incompreensíveis. Lembra-se, provérbio não tem uma interpretação acabada, desse modo convenhamos compartilhar a interpretação que achamos mais próximo ao seu sentido.

De realçar que, os provérbios não nascem do nada, são as circunstâncias sociais que os fazem surgir. Aliás, é o reflexo da realidade duma sociedade. Nestes provérbios poderemos encontrar modos de vida comum às outras sociedades tradicionais africanas, tais como, respeito ao mais velho; condenação da mentira; humanidade para com outro; proteção da família, clã ou qualquer grupo de interesse comum; e conselhos que advertem pessoas de certos fenômenos perigosos etc. Os provérbios são analisados de ordem numéricas e alfabéticas, sendo que cada grupo de provérbios tem seu número e suas respectivas alíneas. Primeiramente é apresentado grupo proverbial e em seguida vem as interpretações.

### 1) proteção familiar, clã ou grupo

**a)** *Boka fitchadu ka ta ientra moska;* (= em boca fechada não entram moscas)  
(p.03)

**b)** *Sigridu di boka ka ta kanba dinti* (= segredo de boca não deve ultrapassar os dentes) (p.12)

**c)** *Ratu si ka fila ku si kunpeñer, i ka ta Tchoma gatu pa raparti elis (= se o rato não se entende com os companheiros, não chama o gato para intermediar) (p.10)*

**a)** Ensina-nos que, se unirmos e protejamos bem, é difícil que o inimigo entre em nosso meio para nos separar; **b)** Segredo de casa não deve sair fora, é comum também dizer “roupa suja se lava em casa”, fato que simboliza de que o problema de casa deve ser resolvido em casa, porque se for resolvido fora, o inimigo pode conhecer o ponto fraco da casa, e facilmente vencerá a toda casa; **c)** Por mais que não nos damos bem, não chamaríamos o inimigo para intermediar nosso problema. – Na realidade guineense **gato e rato** são inimigos. Onde está gato não se vê rato, aliás, o gato come o rato. Na Guiné-Bissau, muitos criam gato para acabar com rato na sua casa.

## 2) humanidade para com outro

**a)** *Mesihu ku bu sibi kuma bu ka na pui na bu tchaga, ka bu pul na tchaga di utur (= curativo que você não põe em sua ferida, não o ponha na ferida do outro) (p.09)*

**b)** *Kin ku ta labra kifri, el prumeru ku ta fidi; (= quem lavra o chifre é o primeiro a se ferir) (p.08)*

**a)** Refere-se aquele ditado muito conhecido – não faça ao outro aquilo que não quer que o outro faça a ti; **b)** Trata-se de não experimentar coisa perigosa em outro. Muitas das vezes é empregado quando alguém tem uma coisa e quer saber se está/funciona bem ou não, mas por medo de alguma consequência ele/ela prefere experimentar noutro. Neste caso o outro pode responder com este provérbio. Na sociedade tradicional guineense o chifre do animal é aguçado para fazer um trabalho medicinal (não só). E no momento de aguçá-lo o dono experimenta no seu corpo para ver se está bem aguçado ou não. Aí vem esse provérbio.

## 3) conselho para evitar as relações incompatíveis ou perigosas

**a)** *Kin ku tene kabelu na pe, i ka ta kanba fugu (= quem tem pelo nas pernas não atravessa o fogo) (p.08)*

**b)** *Dun di un uju ka ta brinka ku reia (quem tem apenas um olho não brinca com areia) (p.04)*

**c)** *Garafa ka ta ientra na jugu di pedra; (= garrafa não se mete em jogo de pedras) (p.05)*

**d)** *Kal dia ku paja juntadu ku fugu [si ka kema ki misti]? (= quando é que se junta palha com fogo que não seja para queimar?) (p.07)*

Estes quatro provérbios tratam de dar conselho para evitar que o indivíduo entre numa sociedade que não é compatível a ele ou fazer coisas que pode-lhe prejudicar gravemente. Toda alinha aqui se conecta a outra, mas **(a)**, **(b)** e **(c)** estão mais próximas. Estas se tratam, por exemplo, de muitos países de terceiro mundo que quando tornarem-se independentes acataram logo muitos tratados de igual modo com outros países de ocidente – como Liberalismo econômico. Pois disso resultou num grave retrocesso econômico para “terceiros mundistas”. Ou seguiram a mesma ideologia [do desenvolvimento]

que criaram grandes obstáculos a estes países. Alínea **(d)**, contudo, pode ter sentido semelhante as outras, mas é de suma importância analisá-la sozinha. Refere muitas coisas, mas nós podemos identificá-la assim: quando você tem uma só oportunidade deve agarrá-la com toda força, porque se a perder não vai conseguir outra. Quer dizer, desde já que você perdeu um olho, se brincar com areia pode te cegar por completo. Mas quem tem dois olhos mesmo estragar um ficaria ainda com outro.

#### 4) advertência de ter pressa ou ambição por excesso

**a)** *Kuri ku kosa juju ka ta ndianta (= correr e coçar o joelho não é compatível)*

**b)** *Firminga ka ta janti, ma i ta ciga (= a formiga não anda depressa, mas ela chega) (p.05)*

Ambos os provérbios refletem um conselho as pessoas “ambiciosas” que quer ganhar tudo de uma vez que sempre acabam por perder tudo. **(a)** Trata de fazer simultaneamente duas coisas incompatíveis. E **(b)** aconselha-se que uma pessoa deve ter calma para conseguir o almejado; nem sempre apressar ajuda.

Este conselho pode ser direcionado também, por exemplo, a um motorista que coloca o carro em alta velocidade para poder chagar cedo. Para evitar possível consequência negativa dessa velocidade, alguém pode avisá-lo dizendo: mesmo correndo normal vamos chegar, ao invés de provocar acidente correndo rápido, que significa *a formiga não anda rápido, mas chega o destino*.

#### 5) sentidos dos provérbios dispares

**a)** *Fiju di gatu ta raña (= filho de gato arranha) (p.05)*

**b)** *Fiju ka ta padidu tras di si mame (= filho não nasce na ausência da mãe) (p.05)*

**d)** *Puti di mel, i na sabi óóh! ma i ta ten dia ki ta kaba (= pote de mel por mais que é doce acaba um dia só. - Não existe nada agradável que não acaba) (p.06)*

Estes quatro provérbios têm sentidos dispersos de modo que não é possível estabelecer um sentido comum a eles. Alínea **(a)** pode ser explicada de seguinte forma: o gato mesmo sendo pequeno ele tem unha para arranhar. Pensamos que este provérbio chama atenção de que o filho de inimigo mesmo sendo pequeno é inimigo mesmo, e pode fazer mal. Se o filho do seu inimigo aproxima sempre de você, desconfie dele, não vê porque é criança, pois pode ser instruído. Às vezes, na mesma situação, alguém prefere usar este outro provérbio: *si bu odja fidju de kobra, sibi mame na bim traz (se você visse o filho da cobra, já saiba que sua mãe venha atrás dele)*. Nesse sentido, é preciso tomar precaução para vinda da mãe, sendo que o filho não é tão perigoso como a mãe. **(b)** é usado sempre para chamar atenção para você não fazer coisa que vai ter consequência negativa que você mesmo não vai escapar. Esta lógica é pensada, senão, de que a mulher sempre é primeira responsável em ter filho, no sentido de que ela sabe de antemão que, em todo caso, não vai fugir de assumir a responsabilidade de ter filho, sendo ela quem vai dar luz.

Enquanto que o pai se não quer assumir pode fugir e livrar de toda responsabilidade. A última alínea dispensa comentário porque está bem clara.

### 6) Sentido de provérbios dispares

**a)** *Baka misti korda, i ka tenel, kabra tenel tok i na rasta; (= a vaca quer a corda, mas não a tem; a tem cabra por excesso) (p.02)*

**b)** *Lubu kuma si sol mansi di repenti, i ka el son ku na burguñu (= o lobo diz que se amanhecer de repente não é só ele que passará vergonha) (p.09)*

**c)** *Lubu kuma i ka son kusa sabi ki ta intchisi bariga (= a lobo diz que não é só o que é saboroso (doce) que enche a barriga (fartura)) (p.09)*

**(a)** pode ser entendido como uma lamentação e ao mesmo tempo um conselho para aqueles que praticam a “falta de humanidade”. Trata-se da própria situação do mundo atual que o capitalismo criou, onde minorias têm dinheiro pois os seus animais de estimação têm mais condições que muitas pessoas pobres que querem três refeições por dia e não conseguem. Trata-se de egoísmo ou da desigualdade extrema. **(b)** me deixa refletir como posso explicar esse ponto. Podemos discerni-lo no contexto da corrupção. Por exemplo, numa sociedade corrupta, o Pedro é vulgarmente conhecido como corrupto [isso não significa que só ele que é corrupto]. Pois se a justiça for feita de forma repentina, muitos dos corruptos seriam descobertos, de modo que estes últimos não têm tempo suficiente para fugir ou manipular assim que não sejam revelados/apanhados. É conectado com o lobo, porque este animal no folclore guineense sempre é aquele personagem que passa mal, que quer tudo e que perde tudo, cruel, glososo que come meninos etc.

Também pode ser empregado assim: *Lubu kuma si sol ta mansi de repenti, ikel son kuna tchamadu nama [lobo diz se amanhecer de repente não só ele que ficaria ser conhecido como nama]. Nama ou bartaba é o nome dado ao lobo por causa da sua mediocridade. (c)* esta alínea pode ser empregada em vários sentidos. Mas convém considerar esta única. Significa que, quando tem fome e não há opção de comida, mesmo se aquela única comida não é doce, deve comê-la, ao invés de ficar com fome. Seja só que a comida sacia a fome. Deixaremos últimos provérbios para interpretação do leitor

- *Bunitasku di iagu salgadu; / yagu salgadu i bunitu, ma i kansadu bibi (= a beleza da água salgada é fascinante, mas ela é desagradável para beber) (p.03)*
- *Borgoña mas mortu (=a vergonha é pior do que a morte) (p.03)*
- *Garandi i puti di mesiñu (= o ancião é um pote de remédios) (p.5)*
- *Jugude ka bai fanadu, ma i kungsi uju (= o abutre não foi à circuncisão, mas consegue ver as coisas) (p.06)*
- *Kabra rispitudu pabia di si barba (= o cabrito é respeitado por causa da sua barba)*
- *Kabra tene barba, ma baka ki si garandi; (= o cabrito tem barba, mas a vaca é sua anciã) (p.06).*

### 3. Considerações finais



A era de tecnologia e de intelectualidade cria simultaneamente uma riqueza de informação e de pobreza da experiência, - os saberes, resultados de experiências, estão sendo perdíveis. Com sistematização do conhecimento ninguém mais se importa com as experiências populares que passam de geração a geração, como os provérbios neste caso, fato que nos torna tão pobre em cultura (BENJAMIM, 1987). Na Guiné-Bissau, o estudo e valorização desses provérbios podem servir da resistência contra essa pobreza cultural e de realce do seu dinamismo (cultura) que depois da independência em 1973 foi maltratada.

Vejam os que o provérbio na sociedade tradicional guineense é um nível da cultura que expressa o pensamento e condições históricas (sociedades orais) desse povo. Devido o mundo globalizado essa forma de pensar realidade foi relegada a uma condição subalterna. Entretanto, devido o resgate dos conhecimentos subalternizados em curso na África, este trabalho constitui para nós um desafio para construção do pensamento literário e filosófico, enfim, de um conhecimento interdisciplinar que valoriza todos os tipos de conhecimentos na Guiné-Bissau e na África.

Não importa nível de desenvolvimento de uma sociedade, a verdade é que toda relação social produz o conhecimento e este conhecimento deve ser trazido à tona para compressão da realidade africana e tirar proveito dele.

Constata-se que as formas dos pensamentos representadas nos provérbios contêm um grau de moral que permitiria o indivíduo ajustar no seu meio social sem “comprometer o outro”, ou seja, são regras morais com o qual quando a pessoa é defrontada, lhes influenciam a tomar ou repensar comportamentos viáveis.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura : obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: <https://bit.ly/2PFKMyy>. Acessado a 01/03/2019.

BULL, Benjamim Pinto. **Crioulo da Guiné-Bissau**: filosofia e sabedoria. Instituto de Cultura de Língua Portuguesa: Lisboa, 1989.

COUTO, Hildo Honório do. **Provérbios em crioulo** : Guiné-Bissau, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2Atgjhg>. Acesso em: 26 nov. 2018.

HAMPATÉ BA, Amado. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África, I**: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

NIANE, Djibril Tamsir. **Sundjata ou epopeia mandinga**: romance. São Paulo: Ática, 1982.

SANTOS, Cristina Mielczarski dos. Provérbios: “a voz do povo” e intertexto das literaturas africanas. **Boitatá**, Londrina, PR, v.10 , n. 19, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2GV8AOL>. Acesso em: 01 mar. 2019.

SERRANO, C. Símbolos do poder nos provérbios e nas representações gráficas Mabaya Manzangu dos Bawoyo de Cabinda-Angola. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 3, p. 137-146, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/2GR8zeB>. 01/03/2019

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África, I**: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.